

PIPA DA VIDA: PRÁTICAS NARRATIVAS CONECTANDO OS JOVENS PARA A VIDA

THE KITE OF LIFE: PRACTICES NARRATIVES CONNECTING YOUNG TO LIFE

RESUMO: Este artigo tem como objetivo relatar ações da psicologia comunitária junto a um grupo de adolescentes em situação de risco social, em especial, a pobreza. Era nossa intenção a promoção de ações de empoderamento dos jovens em relação ao futuro para a vida, através da prática narrativa. Para isso utilizamos a metodologia da “Pipa da Vida”, a qual buscou reconectar esses adolescentes com as famílias de origem, fortalecendo as alianças intergeracionais. Os valores, habilidades e sonhos compartilhados no grupo revelaram o legado intergeracional de suas famílias de origem, um reconhecimento de suas identidades e de seu protagonismo como um ser social. Entre os valores geracionais compartilhados o que se mostrou mais significativo para os jovens foi a amizade. O testemunho dos membros sobre histórias ricamente vivenciadas sobre amizade reforçou o reconhecimento deste valor e o sentido que tem para a vida dos jovens na comunidade. Portanto, ações sociais que buscam a promoção do protagonismo social de jovens em situação de risco precisam levar em conta suas características, seus legados multigeracionais, além do contexto em que vivem. Desta forma, as competências individuais poderão ser promovidas, enriquecidas, mas mantendo viva a história pessoal de cada protagonista, facilitando assim a reautoria.

PALAVRAS-CHAVE: prática narrativa, risco social, aliança intergeracional, reautoria.

ABSTRACT: The purpose of this paper is to report actions of community psychology with a group of adolescents at social risk, in particular, poverty. Was our intention promoting actions of empowerment of young people about future to life through narrative practice. For this we used methodology of the “Kite of Life”, which sought to reconnect these adolescents with their families of origin, strengthening intergenerational alliances. We observed that the actions of empowerment proposed through the technical reconnected with their young families and among their own generation. The values, skills and dreams shared in the group revealed the intergenerational legacy of their families of origin, recognition of their identities and their role as a social being. Among the generational values shared what was more significant for young people was the friendship. The testimony of the members richly experienced stories about friendship reinforced the recognition of this that has value and the meaning to the lives of young people in the community. Therefore, social actions that seek promoting social involvement of young in risk situation need take into account their characteristics, their multigenerational legacies, beyond the context in which they live. This way, the individual competencies can be promoted, enriched, but keeping alive the personal history of each protagonist, facilitating the reauthoring.

KEYWORDS: narrative practice, social risk, intergenerational alliance, reauthoring.

MARISOL LURDES DE ANDRADE SEIDL

Mestre em psicologia clínica (Unisinos), especialista em Terapia de Família e de casal. Coordenadora do serviço de Psicologia da Horta Comunitária Joanna de Angelis/RS

GISLAINE OLIVEIRA BAPTISTA

Graduanda do curso de psicologia da Universidade Feevale/RS.

Recebido em 19/02/2012.

Aprovado em 20/08/2012.

Promover o protagonismo social das comunidades em situação de risco tem se constituído um desafio para os profissionais que atuam na área social. Geralmente, as práticas apresentam um viés com foco no problema e na doença, sob uma ótica tradicional do modelo do déficit, hoje consideradas limitadas e pobres por restringir o entendimento sobre os processos do desenvolvimento humano. Em contrapartida, práticas pós-modernas apoiadas pelo movimento construcionista social preconizam o empoderamento do protagonismo familiar e comunitário, por meio de ações colaborativas no enfrentamento dos problemas e em práticas que reconheçam os valores e os potenciais das famílias e das comunidades na busca de

soluções para as dificuldades e adversidades da vida (McNamee & Gergen, 1998; Lietz, 2006).

O discurso do Construcionismo Social entende o sujeito como ser relacional, permeado pela pluralidade de suas vivências em contextos sociais e a singularidade de suas construções narrativas (McNamee & Gergen, 1998). White e Epston (1990) consideram as construções narrativas resultado da forma como as pessoas falam, percebem e experienciam o mundo em que vivem e, deste modo, criam histórias sobre suas vidas e sua identidade.

Caminhando na direção do reconhecimento das histórias de vida dos indivíduos, famílias e comunidades, a terapia narrativa entende as pessoas como peritas em suas próprias vidas, ou seja, elas têm competências, aptidões, crenças e valores, que ajudam reduzir a influência dos problemas no seu dia a dia (Morgan, 2007).

Segundo Jill Freedman e Gene Combs, os terapeutas narrativos estão interessados em trabalhar com pessoas para obter e aumentar as histórias que não sustentam ou não suportam os problemas. À medida que as pessoas começam a habitar e viver histórias alternativas, os resultados vão além da resolução das dificuldades. Dentro delas, as pessoas produzem novas descrições de si mesmas, novas possibilidades para relacionamentos e novos futuros (1996, p. 16).

Seguindo nesta ótica narrativa, o trabalho com comunidades que vivem em situação de risco social exige um olhar mais amplo para as adversidades e desafios aos quais respondem. A utilização de abordagens que realmente se insiram nos contextos de vida das comunidades a fim de conhecer o significado de suas experiências oferece a possibilidade de compreensão das experiências vividas e de como elas

moldam as respostas, geralmente saturadas de problemas.

Dessa forma, a narrativa não é apenas um modo de representação, mas um modo específico de construção e constituição da realidade, como Bruner (1991) apontou. A fim de estudar esse modo de construção, é necessário examinar como as pessoas dão sentido às suas experiências. E elas o fazem narrando-as. Portanto, a narrativa funciona como um modelo flexível, que opera como forma de mediação extremamente mutável entre o indivíduo e o padrão cultural. Dessa forma, as narrativas são ao mesmo tempo modelos relacionais e modelos de identidade, preenchendo a condição humana com abertura e plasticidade (Brockmeier & Harré, 2003).

Segundo McNamee e Gergen (1998, p. 38), “as realidades narrativas construídas socialmente conferem sentido e organização à experiência individual”. De forma que compreendemos e vivemos nossas vidas por meio de histórias, que consistem em eventos em sequência através do tempo e de acordo com um enredo. As histórias se dão dentro de um contexto, no qual atribuímos significados aos eventos. Os contextos se referem ao gênero, classe social, raça, cultura e preferência sexual. Assim, as crenças, as ideias e as práticas da cultura na qual vivemos têm uma grande importância com relação aos significados que damos aos contextos nas quais as histórias de vida foram formadas (McNamee & Gergen, 1998).

A Terapia Narrativa (White & Epston, 1990) oferece recursos muito enriquecedores para a re-escritura da história dos adolescentes em sofrimento psíquico e social de forma crítica e reflexiva, e, ao reescrever suas habilidades e competências, visitar traumas e riscos cotidianos, protegidos, entre-

tanto, por “ilhas de segurança” de suas próprias histórias de vida.

As práticas narrativas têm um cunho sociopolítico voltado para libertar as pessoas de descrições de identidade estreitas focadas nos problemas, contribuindo para a construção dos processos de cidadania e identidade popular, respeitando a cultura, crenças, etnias e as histórias singulares de vida das comunidades. Práticas libertadoras de estigmas sociais e voltadas para o fortalecimento e reconhecimento dos valores das comunidades locais são essenciais na construção de uma sociedade pós-moderna e atuante.

Portanto, comunidades que vivem em situação de pobreza e sofrimento podem se beneficiar de um trabalho que contribua de forma colaborativa para a mudança e para as novas trajetórias de sucesso destas comunidades, mas, sobretudo, respeitando sua singularidade.

Dessa forma, o objetivo deste trabalho foi desenvolver ações da psicologia comunitária junto a um grupo de adolescentes em situação de risco social, em especial, a pobreza. Visando a promoção de ações de empoderamento dos jovens em relação ao futuro para a vida, utilizamos a técnica da Pipa da Vida (Denborough, 2010), a qual buscou reconectar esses adolescentes com as famílias de origem, fortalecendo as alianças transgeracionais pelo resgate das histórias de habilidades, valores e sonhos.

MÉTODO: DELINEAMENTO

O trabalho buscou desenvolver ações da psicologia comunitária junto a um grupo de adolescentes em situação de risco social, em especial, a pobreza. As práticas narrativas foram

utilizadas como recurso de empoderamento dos jovens em relação ao futuro. Para isso utilizamos a metodologia da Pipa da Vida, a qual buscou reconectar esses adolescentes com as famílias de origem, fortalecendo as alianças intergeracionais.

Esta ferramenta, segundo Denborough (2010), é uma forma de reconectar as alianças transgeracionais através do resgate das habilidades, valores e sonhos. O exercício que utiliza a metáfora citada anteriormente é constituído por cinco etapas as quais foram adaptadas pelas autoras.

1ª etapa – desenhar a pipa, escrever os sonhos, habilidades, valores e as histórias referentes a si próprios e às pessoas significativas em sua vida.

2ª etapa – os ventos que atrapalham a pipa, como metáfora para as dificuldades vividas pelos jovens. O coordenador convida os jovens a compartilharem seus desenhos, colocando-os na parede e comentando sobre os ventos/problemas que atrapalham suas vidas.

3ª etapa – cada jovem escreve uma carta para alguém especial contando como foi fazer a pipa da vida, falando sobre suas habilidades, valores e sonhos (adaptado da prática da árvore da vida para este trabalho com o objetivo de aumentar a conexão com a família).

4ª etapa – os pais são convidados para uma conversa a respeito da carta recebida, momento este em que as alianças intergeracionais serão reconectadas entre pais e filhos, reconhecendo os ensinamentos que foram herdados e como os filhos levam para a vida esta herança geracional (adaptado da prática da árvore da vida).

5ª etapa – as pipas são confeccionadas e empinadas, experienciando um momento lúdico, prazeroso e ri-

tualístico. Na visão de White (2007), as práticas narrativas constituem-se em andaimes através dos quais o terapeuta colabora na re-escritura da vida das pessoas. Portanto, a Pipa da Vida é um instrumento que proporciona ações que visam a promoção da aliança intergeracional de uma família, e também alianças geracionais entre os jovens de uma comunidade.

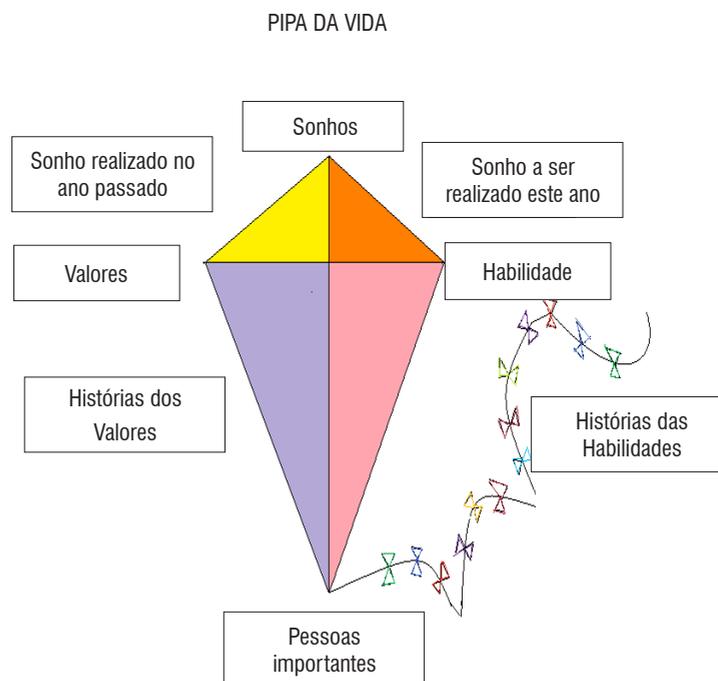
PARTICIPANTES

Este trabalho foi desenvolvido com cinco jovens de 10 a 12 anos que participam de projetos sociais realizados por uma ONG na região de Porto Alegre, que vivem em situação de risco social, em especial, a pobreza. A instituição frequentada por esses jovens iniciou-se em 1990. Desde então, ela vem estimulando crianças, adolescentes e jovens a desenvolverem seus potenciais, estimulando a paz, o respeito por si, pelo próximo e pelo meio ambiente. A referida ONG também contempla um espaço onde funciona uma clínica de saúde, na qual profissionais prestam seus serviços

à comunidade. Em seu trabalho comunitário, a instituição entende o sujeito enquanto cidadão construtor de sua própria história, por meio de uma visão dialética da realidade e do seu papel no mundo. As práticas narrativas vêm complementar a filosofia construcionista da instituição, levando em conta as ideias e as práticas da cultura na qual vivemos.

Foram realizados cinco encontros nos quais foi desenvolvida a técnica da Pipa da Vida. As entrevistas foram gravadas e transcritas para posterior análise. Os procedimentos utilizados para este trabalho com os adolescentes estavam de acordo com as resoluções 196 do Conselho Nacional de Saúde e a 016/2000 do Conselho Federal de Psicologia, como a entrega do termo de compromisso livre esclarecido que foi entregue em duas vias aos responsáveis, as quais foram assinadas. No termo ficam assegurados o direito ao anonimato e a confidencialidade dos participantes.

RESULTADOS E DISCUSSÕES



Convidam-se os adolescentes a desenharem uma pipa no papel, onde primeiro, em uma das pontas da pipa, pretende-se, segundo Denborough (2010), que os adolescentes pensem em suas esperanças, sonhos e desejos que gostariam de realizar e assim possam ver que direção suas vidas estão tomando. Uma característica dos jovens quando estão escrevendo é compartilhar verbalmente com os colegas. “O meu sonho é ser médica para ajudar as pessoas.” Em continuação, os adolescentes resgatam suas habilidades e competências. “Uma das minhas habilidades que mais gosto é fazer poesias, e escrevo muito bem”, diz a pequena garota de doze anos. A coordenadora do grupo faz perguntas para facilitar os discernimentos dos jovens em relação às suas histórias de vida. “E como descobriu que essa era uma de suas habilidades”, pergunta-lhe a terapeuta. “Quando fiz uma poesia para minha mãe, ela me elogiou um monte...”

Conforme Ncazelo (2006), quando se fala em habilidade, não se pensa em coisas óbvias, são procuradas as habilidades mais sutis, anunciando o que é importante apreciar na vida. Quando se chega nesta parte da técnica, já se está no território de identidade da pessoa, assim definido por White (2007). No território de identidade, relacionam as implicações que a história alternativa tem em termos de compreensão da identidade. Aqui os adolescentes são convidados a refletirem sobre sua própria natureza pessoal e relacional.

Voltando à metáfora em estudo, os adolescentes também falaram sobre os valores que levam para a sua vida. “Um valor que eu aprendi é o amor, pois quem tem amor tem tudo.” Segundo Morgan (2007), à medida que falam de suas habilidades e valores, refletem sobre o caráter, motivos, desejos, de várias

pessoas da sua rede social. Elas também refletirão sobre o que estes eventos dizem sobre as qualidades de relacionamentos particulares. Assim, a paisagem de identidade ou significados (habilidades, valores, intenções, sonhos) tem a ver com as interpretações que são feitas através da reflexão sobre estes eventos que estão se abrindo através das paisagens de ação (eventos e ações através do tempo).

Após terem resgatados os valores e as habilidades, convidam-se os adolescentes a contarem histórias de como esses valores e competências ajudam em suas vidas e com quem aprenderam e como aprenderam. Até neste momento, a ferramenta utiliza recursos que White (2007) denomina de “cenário de ação” e que envolve investigar eventos e ações significativas na vida da pessoa, ou seja, sua vida pregressa e atual. “Meus pais estavam quase se separando, aí pedi para eles que não se separassem porque eles se amam e existe muito amor entre eles...” Conforme Morgan (2007), a paisagem de ação é constituída de experiências de eventos que são ligados em sequência através do tempo e de acordo com enredos específicos se constituindo na história de vida do sujeito.

Também a técnica em análise utiliza-se do recurso de re-associar ou re-membrar (se reconectar com pessoas significativas) através do que o adolescente aciona na sua “rede social” e que Michael White denomina “Clube de Vida” (Russel, 2007). Os adolescentes têm a oportunidade de pensar nas pessoas importantes da sua vida, aquelas que mais lhes ensinaram (eles podem citar pessoas que já morreram). Conforme Sluzki (1997), a rede social pessoal constitui-se daqueles seres com os quais o sujeito interage, troca sinais e sente-se significado. Constitui-se esta rede de familiares, amigos, conheci-

dos e companheiros, que contribuem através de um processo dinâmico e interativo na construção de identidade do indivíduo, ao longo do tempo e espaço, num constante construir e reconstruir. Um dos relatos que foram dados foi: “A minha mãe sempre foi a pessoa que foi a minha referência, mas depois que ela morreu, agora é a minha tia.” Segundo Russel, os membros deste “Clube de Vida” podem mudar de posição e status ao longo da vida das pessoas. Aquelas a quem as pessoas dão mais importância com certeza influenciam mais a construção de sua identidade (Russel, 2007).

Dando continuidade à técnica da “Pipa da Vida”, sugere-se para os adolescentes após terminarem de desenhar e escrever, que compartilhem com os demais colegas a sua pipa, recontando suas histórias. É o momento de expor sua pipa tomada de lembranças, sonhos e desejos. As pipas são colocadas na parede e cada jovem apresenta a sua para os demais. A coordenadora do grupo faz perguntas externalizadoras sobre os sonhos, habilidades e valores e como foram aprendidos. Também através das conversas de lembrança, os jovens se reconectam com as pessoas mais significativas de suas vidas ao recontarem histórias de aprendizagens desses valores, habilidades e sonhos.

Na etapa dois da ferramenta em debate, aborda-se: “O que atrapalha a pipa de subir”, pergunta-lhes a terapeuta? “O vento...” Após eles terem falado, os adolescentes são convidados a pensarem na pipa como sendo a vida dos jovens, e então se questiona sobre quais seriam as dificuldades e ventos que os jovens teriam que enfrentar. “Brigas, desemprego, separações, ciúmes, drogas...” Também lhes pergunta a terapeuta: E o que é preciso fazer para enfrentar? E quais os efeitos que os ventos causam em suas vidas? E

como responder a essas dificuldades? “É preciso ter coragem, fé, amizades, amor, carinho compreensão para enfrentar os ventos da vida.” E, aos poucos, as vozes, frágeis e tímidas, se tornam fortes e decididas a falar.

Ncazelo (2006) assevera que este momento revela-se um bom ponto de entrada para começar a explorar os riscos. Os jovens, metaforicamente nomeados como “pipas”, passam a nomear as dificuldades que experimentam na vida. Como se está fazendo um exercício, os adolescentes começam a externalizar seus problemas. Nestas conversas de externalização, o grupo é estimulado a narrar as adversidades que os jovens enfrentam na vida. Nestas conversações, os indivíduos são convidados a falarem no coletivo e não se colocarem pessoalmente, pois é uma forma de proteção, como uma ilha de segurança.

O objetivo das conversações de externalização é permitir que as pessoas percebam que elas e o problema não são a mesma coisa. A externalização localiza os problemas não dentro dos indivíduos, mas como produto da cultura e da história. Problemas são compreendidos como socialmente construídos e criados ao longo do tempo (Russell & Carey, 2007). Ainda no dizer de Morgan (2007), a pessoa, ao narrar sua história, seleciona fatos e acontecimentos que interpretam e dão significado à sua vida.

Segundo Elkäim (1998), as interpretações que a pessoa faz e os significados que dá e como os explica, revelam a “dominância” de certo enredo na sua vida. Segundo Nichols (2007), o terapeuta, por meio de uma série de perguntas, colabora para que os adolescentes separem-se da velha história, saturada do problema que desejam resolver. Isso se torna possível porque, agora, os jovens já reconhecem seus

recursos (aptidões, competências, ações, desejos, conquistas), bem como estão amparados pelo seu “Clube de Vida”. “Quem pode contar histórias de alguém que enfrentou os ventos da vida”, pergunta-lhe a terapeuta? “A minha tia precisou fazer uma cirurgia e a família estava com muito medo, mas eu rezei e tive fé e ela conseguiu ficar boa, mas ela também acreditou que ficaria boa.” Depois de a menina ter narrado sua história, os demais participantes também compartilharam suas histórias. “Eu era muito briguenta e depois que conquistei amigos e tenho mais amizades, agora sou muito calma.”

Ainda segundo Morgan (2007), conversas de lembrança (re-membrar ou re-associar) possibilitam enriquecer as histórias secundárias e mais do que isto, acentua Russel (2007), permitem ao terapeuta que outras pessoas e valores significativos possam se associar na descrição de novas histórias preferidas. Conforme mencionado nos recortes terapêuticos, ficou evidenciado que um dos valores importantes para esses adolescente é a amizade.

Rubin *et al.* (2005) apresentam uma revisão das principais características das amizades na infância. Segundo os autores, a maioria das crianças tem pelo menos um amigo. Estas fazem amizades com outras crianças que são semelhantes em características e comportamentos. As concepções de amizade avançam do concreto para o abstrato com a idade, o que se reflete em seus comportamentos com os amigos. Com a idade, as crianças demonstram mais estabilidade nas relações de amizade que mantêm mais altruísmo recíproco e mais conhecimento pessoal íntimo. As crianças em processo de fazer amigos têm mais probabilidade de se comunicar claramente, se autorrevelar mais co-

mumente e resolver mais eficazmente conflitos. Embora conflitos ocorram frequentemente, estes são resolvidos por amigos de maneira a aumentar a probabilidade de continuação do relacionamento. Há também diferenças notáveis de gênero nas qualidades das amizades de meninas e meninos. A amizade desempenha um papel significativo no desenvolvimento social, fornecendo às crianças ambientes e contextos em que possam aprender sobre si mesmas, seus pares e o mundo ao seu redor (Rubin *et al.*, 2005).

Na 3ª parte, essas lições e aprendizados, segundo Ncazelo (2006), pedem uma celebração. São quase um convite para celebrar a vida, a história secundária, as esperanças, as habilidades que foram descobertas, desvendadas, que os jovens vivenciaram durante todo esse exercício. Então, os adolescentes são convidados a escreverem uma carta aos pais ou a alguém especial. Segundo Morgan (2007), dentro das práticas narrativas, as cartas são usadas em uma variedade de maneiras para ajudar as famílias. Como recorte terapêutico, uma adolescente, com 12 anos, escreveu: “Hoje fizemos uma coisa muito legal, a pipa da vida onde falamos sobre nossas habilidades e valores aprendidos com todos vocês que fazem parte da minha família e quero dizer que vocês me ensinaram tudo o que sei, por isso agradeço a vocês.”

Na 4ª etapa, os pais são convidados a participarem de um encontro para conversar sobre suas impressões, após terem recebido a carta dos filhos. É um momento de reconexão das famílias com seus valores intergeracionais, ao perceberem que o legado familiar vai ser continuado na nova geração. Segundo Denborough (2010), no encontro com os pais podem ser trabalhados vários princípios chave da construção

das alianças intergeracionais. Alguns que se destacaram foram: partilhar habilidades e outras implicações positivas; “ela é muito esforçada, inteligente, gosta de participar das coisas”, diz uma das mães das adolescentes. Outra mãe, também fala sobre sua filha, “A. é muito inteligente, participativa, ela gosta das atividades que pedem para ela fazer”.

Outro princípio que se destacou foi traçar a linha da história das contribuições mútuas, e descrever ricamente as ações dos propósitos comuns. Assim, ambas as mães que estavam na reunião trouxeram falas sobre como sua educação e os ensinamentos foram passados de geração para geração e se faziam presentes. “É bom saber que o que meu pai me ensinou, eu passei para ela”. Recorte de outra mãe: “Estou feliz em saber que ela utiliza na vida dela aquilo que ensinei como o respeito, amor, educação”; “[...] tudo o que ensinei a minha filha foi a minha mãe que me passou porque ela sempre me ensinou tudo, e me corrigia quando fazia alguma coisa errada”.

Os adolescentes presentes nessa reunião puderam ouvir o que suas mães falavam sobre eles. Segundo White (1997), esse momento é chamado de cerimônia de definição, uma oportunidade de alguém ser visto e reconhecido pelas testemunhas externas (por suas habilidades, valores, sonhos e esperanças).

No mesmo dia os adolescentes leram um poema de sua própria autoria, baseado nos valores que emergiram durante a realização da técnica da “Pipa da Vida”.

Guiando nossos passos

É através dos valores que sabemos o que é certo, justo e bom.

Sem os valores não conseguimos ser pes-

soas dignas e crescer na vida.

Aprendemos o que devemos fazer quando valorizamos a vida.

Quem valoriza o amor e a amizade são pessoas que amam sem interesse.

E esse amor vai muito além das aparências.

Pois através desses valores que nós seres humanos, somos mais unidos

E não se esquecendo de proteger aqueles que amam,

dando-lhe carinho, respeito e atenção.

E juntos construindo aos poucos coisas novas.

São os valores que nos dizem o que é bom.

Os valores nos ensinam a não roubar e matar.

Mas parece que nem todo mundo aprende.

Pois quando utilizamos esses valores,

Eles nos ajudam a enfrentar as dificuldades que se encontra nos caminhos.

Valores como a fé e a educação, que nunca sai de moda

Que estejam presentes nos nossos atos e ninguém nos tire.

Valores são como dente, nasce cada dia um.

Por isso precisamos construir um mundo melhor e mais feliz.

Este documento coletivo tem o significado de compartilhamento de identidade entre os jovens e também proporciona uma contribuição para outros jovens da comunidade (este documento circulará entre outros grupos de jovens da instituição e também nos espaços da rede social a qual a ONG é interligada). Este documento revela as histórias preferidas e alternativas dos jovens desta comunidade contribuindo para novas possibilidades (a carta é uma adaptação de outras práticas narrativas coletivas).

Na 5ª e última etapa, cada criança confecciona sua pipa, escreve um sonho a ser realizado e a solta para que o vento leve essa mensagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, os valores, habilidades e sonhos compartilhados no grupo revelaram o legado intergeracional de suas famílias de origem, um reconhecimento de suas identidades e de seu protagonismo como seres sociais. Dar visibilidade ao uso da técnica Pipa da Vida como uma ferramenta conversacional produtora de conexão entre jovens e suas famílias, bem como entre esses e seus pares se mostrou uma ação positiva de empoderamento comunitário.

Ações sociais que buscam a promoção do protagonismo social de jovens em situação de risco precisam levar em conta suas características, seus legados multigeracionais, além do contexto em que vivem. Desta forma, as competências individuais poderão ser promovidas, enriquecidas, mas mantendo viva a história pessoal de cada um, facilitando assim a reautoria. Dessa forma, as histórias alternativas dão suporte para os adolescentes prosseguirem suas vidas, tomarem iniciativas que estejam em harmonia com o que valorizam e com o que querem para suas vidas. Permitem ainda conectá-los com as pessoas e personagens que são importantes para elas, bem como com aspectos da sua cultura. Ao responder aos riscos sociais, dores, frustrações, discriminação e pobreza, estas jovens vidas reescrivem o sentido da vida, que, por sua vez, pode ter um efeito restaurador em seu futuro.

REFERÊNCIAS

- BROCKMEIER, J., & HARRÉ, R.** (2003). Narrativa: problemas e promessas de um paradigma alternativo. *Psicologia. Reflexão e Crítica*, 16, pp. 525-535.
- BRUNER, J. S.** (1991). The narrative construction of reality. *Critical Inquiry*, 17, pp. 1-21.
- RUSSELL, S., & CAREY, M.** (2007). *Terapia narrativa: respondendo às suas perguntas*. Porto Alegre: Centro de Estudos e Práticas Narrativas.
- DENBOROUGH, D.** (2010). *Kite of Life: From intergenerational conflict to intergenerational alliance*. Adelaide: Dulwich Centre Publications.
- ELKAIM, M.** (1998). *Panorama das terapias familiares*. São Paulo: Summus Editorial.
- FREEDMAN, J., & COMBS, G.** (1996). *The social construction of preferred realities*. New York: Norton.
- LIETZ, C.A.** (2006). Covering Stories of Family Resilience: A Mixed Methods Study of Resilient Families. *Families in Society: The Journal of Contemporary Social Services*, 88, pp. 147-155.
- MCMAMEE, S., & GERGEN, K.J.** (1998). *A terapia como construção social*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- MORGAN, A.** (2007). *O que é terapia narrativa?: uma introdução de fácil leitura*. Porto Alegre: Centro de Estudos e Práticas Narrativas.
- MURRAY, M.** (2004). Narrative Psychology. In J. A. Smith (Org). *Qualitative psychology*. London: Sage Publications.
- NCAZELO, N., & DENBOROUGH, D.** (2006). *Tree of Life*. Adelaide: Dulwich Centre Publications.
- NICHOLS, M. P., SCHWARTZ, R. C.** (2007). *Terapia familiar: conceitos e métodos*. (7ª ed.) Porto Alegre: Artmed.
- RUBIN, K.H., COPLAN, R., CHEN, X., BUSKIRK, A., & WOJSLAWOWICZ, J.C.** (2005). Peer relationships in childhood. In M. Bornstein & M. Lamb (Orgs.). *Developmental psychology: an advanced textbook* (pp. 469-512). Hillsdale, NJ: Erlbaum.

SLUZKI, C. E. (1997). *A rede social na prática sistêmica: alternativas terapêuticas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

WHITE, M. (1997). *Narratives of Therapists' Lives*. Adelaide: Dulwich Centre Publications.

WHITE, M., & EPSTON, D. (1990). *Narrative Means to Therapeutic Ends*. New York: Norton.